



# *mundos em divisão*

*Jan Ögren*





# *mundos em divisão*

*Jan Ögren*

*tradução de Dinah Azevedo*

*1a. edição*

  
*Parany*  
Editora

*São Paulo*  
*2014*

Copyright 2011 (c) Jan Ögren  
Todos os direitos reservados  
Publicado no Brasil conforme acordo com Jan Ögren  
Título original: Dividing Worlds

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány  
Tradução: Dinah Azevedo  
Preparação: Barany Editora  
Revisão: Barany Editora  
Diagramação: Barany Editora  
Capa: Lumiar Design

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

Jan Ogren (19??-)  
Título: Mundos em divisão / Jan Ögren  
tradução Dinah Azevedo- São Paulo: Barany, 2014, 288p. 16 x 23 cm.  
ISBN: 978-85-61080-??-?

1.

CDD xxxxxxx

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO



Todos os direitos desta publicação reservados à Barany Editora (c) 2014  
contato@baranyeditora.com.br  
www.baranyeditora.com.br



Todos os acontecimentos, personagens e locais apresentados neste livro  
são fictícios, mas os conceitos e ideias são reais.



# DEDICATÓRIA

*A todos aqueles que acreditam  
na realidade  
de uma mudança de consciência global.*



# SUMÁRIO

Capítulo 1 – A Companhia Farmacêutica do Futuro

Capítulo 2 – Chris e Mirau

Capítulo 3 – Um buraco no alto do morro

Capítulo 4 – Um diploma de Berkeley

Capítulo 5 – Clínica de repouso Vida Integral

Capítulo 6 – O azar de Mirau

Capítulo 7 – Vizinhos maldosos

Capítulo 8 – Uma visita da urso

Capítulo 9 – A viagem de Mirau

Capítulo 10 – O urso vai acampar

Capítulo 11 – A física ursística

Capítulo 12 – Sacrifícios

Capítulo 13 – O conselho de Adnarim

Capítulo 14 – Notícias do urso

Capítulo 15 – Aberturas

Capítulo 16 – O lobo vai ao Colorado

Capítulo 17 – Um jantar interrompido

Capítulo 18 – Fogo e biscoitos

Capítulo 19 – Sônia e a urso

Capítulo 20 – Mundos divididos

Capítulo 21 – Ser um

Glossário







## Prólogo

*Rede do Céu espiava os seres humanos reunidos enquanto flutuava a quase dois metros de altura, por cima de um lindo bosque de cedros. Durante os vinte últimos séculos, ficou observando e esperando, a paciência vagando por sua essência como uma nuvem de chuva sobre um deserto. Dando um profundo suspiro, ela notou que uma neblina espessa obscurecera cada nova chegada, como se uma criança tivesse pegado todas as cores da palheta, misturado bem e depois passado a mistura em todas as pessoas. Um casulo metálico de cor azul, deslizando sobre as quatro rodas por uma trilha de pedras negras fundidas desviou sua atenção dos seres humanos. O casulo parou perto de uma figueira solitária e um ser humano saiu de rastros lá de dentro, o corpo claramente visível, envolto por arcos-íris de cores suaves, só com algumas manchas indistintas em volta da cabeça e do pescoço. Rede do Céu sentiu o alívio percorrendo-lhe a essência. Sua forma ficou mais compacta e ela começou a descer à terra, chamando as outras guardiãs, dizendo-lhes que havia encontrado alguém que talvez ouvisse.*





# 1

## A COMPANHIA FARMACÊUTICA DO FUTURO

Miranda olhava atentamente para a velha figueira que se elevava muito acima de seu carro elétrico azul-céu. Um aroma fresco e revigorante envolveu-a enquanto seus olhos viajavam pelo tronco acima e acompanhavam as formas dos galhos até a rede esmeralda de agulhas.

Atrás dela, uma lufada de vento fez uma placa bater no seu suporte. *2020: a década para dominar o comportamento com neurofármacos.* Acima desta, havia o nome *Companhia Farmacêutica do Futuro*, e uma seta vermelha apontava para uma maciça estrutura cinzenta que lembrava uma torre sobre a entrada de concreto. Ela examinou os outros prédios do complexo; todos eles tinham seu próprio conjunto de guardas em posição de sentido com aqueles uniformes sarapintados que usavam como camuflagem.

Miranda hesitou mais um minuto, olhando encantada para os traços de dourado no céu que prometiam um crepúsculo glorioso. Suspirando, virou-se e afastou-se da árvore e do céu, e seguiu as outras pessoas que marchavam para o edifício.

Pastas e maletas bateram-lhe nas pernas quando ela deslizou para dentro do centro de conferências, espremendo-se entre os que estavam na fila, esperando para se registrar. O hall de entrada, branco e muito alto, tremia com as vibrações das conversas unilaterais que pessoas com típicas roupas de negócios – fossem vestidos ou ternos – gritavam ao celular.

jan ögren

A fila andava devagar e as pessoas eram distraídas de suas conversas pela necessidade de pegar crachás e pacotes de informações.

Quando Miranda chegou às mesas compridas, os crachás estavam fora de ordem. Ela procurou durante vários minutos, mas chegou à conclusão de que o seu crachá devia ter ido parar em um reino mais hospitaleiro.

Ao ver uma mulher jovem com um crachá da equipe organizadora, Miranda resolveu abordá-la.

– Desculpe incomodá-la, mas não consegui achar o meu crachá.

A mulher lançou-lhe um olhar exasperado.

– Fez reserva?

– Sim, mas há quatro dias apenas. Os guardas do portão têm o meu nome.

– É claro que eles têm, senão você não estaria aqui. Nome?

Ela havia começado a dizê-lo quando sentiu um fio de voz acima dela. Olhou por cima do ombro com o rabo do olho, mas, percebendo a densidade da multidão que lotava aquele vestíbulo amplo, supôs que tivesse sido apenas o burburinho das conversas que a havia tocado.

Voltando-se para a mulher, ela disse em voz alta, tentando se fazer ouvir por cima das reverberações das conversas:

– Meu nome é Miranda Williams.

– Com que empresa você está? – gritou a mulher em resposta.

– Nenhuma. Vim sozinha.

– Ah, desculpa, por favor! Não a reconheci.

A mulher olhou mais atentamente para ela, inclinando-se na sua direção.

– Que companhia é a sua? É do ramo de alimentação ou está entre as farmacêuticas?

– Nem uma, nem outra. Não estou aqui com nenhuma empresa. Entendi que indivíduos também podiam se inscrever para assistir a essa conferência.

12



– Ah, sim, claro. Você precisa ir até aquela mesa lá do outro lado –. A mulher fez um gesto indicando vagamente uma direção, virou-se e foi embora.

Miranda deixou-se empurrar pela multidão até chegar ao outro lado. Percebeu que havia uma mesinha à qual estava sentado um jovem com a cabeça abaixada, mexendo em várias folhas de papel.

– Desculpe, estou tentando me registrar – como indivíduo. Não estou com nenhuma empresa. É aqui mesmo?

O homem ergueu os olhos e sorriu.

– É, sim. Por favor, qual o seu nome?

Ela disse outra vez o seu nome, mordendo o lábio e esperando mais sorte desta vez.

Enquanto ele procurava em várias listas pequenas, começou a sacudir a cabeça de um lado para o outro.

– Que estranho... Não consigo encontrar seu nome em lugar algum. Quando fez a reserva?

– Há apenas quatro dias.

– Vou verificar em outra lista.

Enquanto esperava, Miranda sentiu uma presença acima dela, como se uma nuvem presa dentro do edifício quisesse subir ao céu. Franzindo a testa e definindo muito bem seus pensamentos, ela enviou mentalmente uma pergunta para o reino além do mundo físico, onde vivia o seu espírito-guia.

*:Adnarim, é você? Vim para a conferência, como você sugeriu. Poderia me dizer agora por que estou aqui?:*

– Ah, até que enfim! – exclamou o jovem, brandindo com ar triunfal um envelope grande de papel pardo. – Alguém a colocou lá no fim. O seu nome estava no M, e não no W.

– Obrigada.



jan ögren

Miranda pegou o pacote pesado, sentindo-se grata por todos os sinais que pudessem confirmar que ela devia estar presente àquela conferência.

O homem não soltou o envelope, olhando atentamente para os dados de identificação da moça.

– Você trabalha num clínica de repouso?

Miranda confirmou inclinando a cabeça e tentou se afastar, mas ele se levantou, aproximando-se dela.

– Em geral não aceitamos nestas conferências pessoas que trabalham em clínica de repouso. Está aqui profissionalmente ou por interesse pessoal?

Ela hesitou, sem saber que resposta levaria ao mínimo de perguntas. Olhou à sua volta, na esperança de que alguém viesse na sua direção e o distraísse, mas todos os outros pareciam estar nas mesas de identificação das equipes das empresas.

Virando-se, ela deu de ombros e sorriu.

– Parecia interessante, só isso.

– Como ficou sabendo da conferência?

– Na Internet.

Ele sorriu para Miranda, inclinando-se um pouco mais na sua direção.

– Gostamos de ter certeza de que todos estão satisfeitos com a conferência. O que especificamente você espera conseguir neste fim de semana?

*Livrar-me de você*, pensou Miranda, mantendo o sorriso firmemente colado ao rosto. Deu um puxão forte no envelope, arrancando-o das mãos do homem.

– Tenho certeza de que vou gostar –, respondeu ela enquanto se afastava da mesa e desviava-se de um grupo de mulheres determinadas que passou por ela como um turbilhão.

Miranda lançou um olhar por cima do ombro e notou que o sujeito estava escrevendo alguma coisa num bloquinho de notas. Quando ergueu os olhos para ela, seu estômago revirou e ela se afastou rapidamente dali.



Procurando um lugar vazio de onde pudesse ver as pessoas reunidas, ela entrou num corredor que levava na posição oposta ao salão principal. Acabou parando na frente de um cartaz que mostrava uma mulher correndo num campo de flores. Embaixo da imagem estava o slogan, “Sua felicidade é do nosso interesse”, seguido por informações sobre um novo antidepressivo.

Enquanto um bando de membros da equipe organizadora andava à sua volta como um enxame, Miranda baixou a cabeça, fingindo estar concentrada no seu pacote enquanto procurava ouvir uma resposta qualquer de Adnarim, seu fugidio espírito-guia.

Estava sentindo empurrões fortes, que mais uma vez atribuiu à densidade da multidão. Mas, de Adnarim, nada, além de um vazio que lembrava a sensação de estar sozinha numa estação ferroviária apinhada de gente e sem saber que trem pegar.

Estava sem notícia alguma de Adnarim desde que navegava na Internet cinco dias atrás, em busca de ideias sobre formas de controle ecológico de pragas de jardim. A tela ficou em branco e depois apareceu o website que anunciava essa conferência. Uma luz trêmula surgira num canto da sala, que havia tomado a forma de uma mulher alta de pele dourada com um xale cor vinho. Adnarim a aconselhara enfaticamente a inscrever-se para assistir à conferência do fim de semana e desapareceu em meio a um redemoinho de luzes minúsculas quando Miranda tentou lhe fazer perguntas.

Apesar das várias tentativas de Miranda, seu espírito-guia não lhe deu nenhuma explicação do motivo pelo qual teria de passar o fim de semana todo longe de casa e de Chris só para ouvir umas palestras sobre neurociência. Não sabia nem mesmo se a razão para ela estar aqui tinha alguma coisa a ver com o tema da conferência.

Encostada na parede, ela se perguntava se isso não ia se tornar outra exasperante caça ao tesouro, ou mais um incidente envolvendo livros e pastas, ou ILP, o primeiro nome que Miranda lhe deu. Na maioria das vezes, ILP acabava significando Imponderável Limite da Paciência.

jan ögren

Quinze anos antes, quando ela começara a conversar com espíritos-guia, tentara usar a consciência extrassensorial deles para realizar objetivos práticos. Certa manhã, antes de sair do clínica de repouso, onde trabalhava no setor administrativo, perguntara a Adnarim se havia algo especial que ela tinha de se lembrar para levar consigo. Seu espírito-guia respondeu-lhe imediatamente, dizendo-lhe para levar um livro sobre estilos de comunicação que ela pegara emprestado com um membro da diretoria. Ela descartou a sugestão, informando Adnarim que a reunião da diretoria seria só dali a dois dias, e ela ainda não terminara de lê-lo. Miranda fez o mesmo pedido outra vez, perguntando se havia mais alguma coisa de que ela se lembrasse, mas Adnarim continuou enfatizando a necessidade de levar o livro, que ela não pegou. Assim que chegou ao trabalho, a enfermeira-chefe pediu a pasta que continha as inscrições para o novo cargo RN, que Miranda prometera levar naquele dia. Foi obrigada a voltar para casa para pegar a pasta, irritada com o fato de seu espírito-guia tê-la lembrado do objeto errado.

Depois de uma procura irritante, finalmente encontrou a pasta, embaixo do livro que Adnarim insistira com ela para levar. Essa primeira vez definiu o diapasão da ajuda que teria dos guias no futuro: valiosa, mas exasperantemente vaga.

Encostada na parede, Miranda olhava fixamente para o cartaz com a mulher no campo de flores. *Eu gostaria que a minha felicidade fosse do interesse de Adnarim. O que será que ela quer que eu descubra aqui? Não tenho tempo para mais um ILP!*

Resistindo ao impulso de atirar o envelope pesado no cartaz, ela o virou e começou a abri-lo.

*Acho que é melhor começar a procurar pistas eu mesma, já que ela não vai ajudar. Lá dentro encontrou um crachá, a programação dos eventos, uma lista das empresas que estavam participando da conferência e um panfleto do tamanho de um livro, intitulado 2020: a década para dominar o comportamento com neurofármacos.*

Ela examinou as centenas de mulheres e homens vestidos de maneira respeitável que agora perambulavam pelo salão principal, perguntando-se

16



como é que cada um deles se encaixaria na programação. Alguns estavam de pé, muito rígidos, ao lado das bandejas de *hors d'oeuvres* e mesas generosamente cobertas de bebidas. Alguns conversavam entre si, mas a maioria ainda gritava ao celular. *Não é assim que vou descobrir o que quer que seja. Talvez a Visão de Gato me ajude a descobrir aquela presença que senti antes.*

Desde criança sempre ficava fascinada com a forma pela qual os cães e os gatos sabiam quando alguém estava se aproximando da casa, ou quando um membro da família estava chegando. Ela nunca descobrira nenhuma pista óbvia que os animais poderiam estar recebendo até Mirau, seu espírito-guia felino, ensiná-la a usar a Visão de Gato. Usá-la era como esquecer os próprios olhos e apontar para o mundo um telescópio que havia no seu coração. Seus sentimentos vinham como imagens integradas à cena a que estava assistindo, permitindo-lhe se dar conta da força e da direção das conexões energéticas e ter consciência de coisas mais distantes do que sua visão poderia registrar.

Apoiando-se na parede e tentando relaxar o mais possível, passeou novamente os olhos pelo salão, vendo-o como um gato o veria. Além dos objetos físicos e das pessoas, a Visão de Gato destacou uma massa de fios finíssimos que fustigavam o grande salão de conferências.

Ela conseguia enxergar linhas de energia ligeiramente mais densas que se estendiam para além das paredes físicas e que mostravam que a maioria dos participantes se concentrava em falar com outras pessoas que estavam fora do salão.

Embaixo do auditório onde eram dadas as conferências, a terra pulsava com conexões compactas e profundas, como raízes de árvore. Acima da terra, as conexões energéticas das pessoas pareciam massas de algodão-doce cinza: massas de fios finíssimos, mas sem substância. Eram tão numerosas que dificultavam a identificação de qualquer outra fonte de energia acima do solo.

*O planeta está mais vivo aqui do que as pessoas. Mas isso não é de surpreender.* Ela voltou às informações que recebera, folheando as páginas com dados sobre os participantes. Não reconheceu nenhum nome, mas as empresas



jan ögren

do setor alimentício e farmacêutico que representavam eram familiares por causa dos anúncios que já vira em revistas, na TV e na Internet.

Enquanto lia rapidamente as biografias organizacionais, ainda procurando pistas que explicassem porque estava aqui, o estômago roncou. Aromas tentadores saíam das mesas de *hors d'oeuvres*, lembrando Miranda que ela havia trabalhado na hora do almoço a fim de sair mais cedo para assistir à conferência.

Com relutância, pregou na roupa o crachá que a declarava ser Miranda Williams, do Clínica de repouso Vida Integral, de Whetherton, Washington. Tinha certeza de que essa informação não significava nada para ninguém – talvez servisse apenas para informar as pessoas de que ela vivia nas proximidades.

Enquanto se dirigia para o grande salão principal, ela notou que a luz do sol poente estava pintando murais vermelhos e dourados nas paredes pintadas em creme enquanto se movia pelas janelas abertas lá em cima daquele salão circular.

Ao se aproximar das multidões, colou um sorriso no rosto e cumprimentava as pessoas acenando-lhes com a cabeça quando olhavam para ela, examinando seu crachá antes de voltar às suas conversas. Passando espremida entre elas, encheu um prato com pasteizinhos recheados e esculturas de cenouras e pepinos.

Parou diante da mesa de vinhos e pegou um copo de água mineral com gás antes de finalmente sair do outro lado da multidão. Olhando em volta, descobriu um sofá desocupado perto dos fundos do salão e foi para lá.

Instalada com o maior cuidado no canto do sofá, os braços encolhidos e a cabeça baixa, Miranda mastigava seus petiscos ao mesmo tempo em que acompanhava os movimentos de dois velhos. A mulher fazia caretas e estava agarrada ao braço do homem. O terno caía-lhe como se ele o tivesse vestido em cima da hora. Seu rosto estava franzido com linhas tensas, coroadado por um tufo de cabelos brancos desgrenhados. Ambos andavam com passos inseguros: ele com as pernas arqueadas, ela com a



terceira perna da bengala, enquanto terminava de atravessar o salão com o maior cuidado, olhando para o sofá como se ele fosse um bote salva-vidas à deriva num mar turbulento.

O homem sorriu para Miranda.

– Este lugar está guardado para alguém?

Ela sacudiu a cabeça para dizer que não, e foi se mudando para o outro lado do sofá, arrumando a saia, meio constrangida, tentando desaparecer no meio do tecido que forrava o móvel.

Havia se vestido com apuro: uma blusa de seda bege com saia e jaqueta marrom-claro para combinar com a sua pele morena e seus cabelos negros ondulados. Um novo par de sapatos marrons de salto aumentava-lhe um pouco a altura, ligeiramente menor que a média. Em geral, seu tamanho mediano lhe proporcionava certa invisibilidade; mas, nesta noite, ela estava se sentindo extremamente exposta.

O homem ajudou sua companheira delicada a se sentar no canto do sofá e depois, em vez de se sentar no meio, passou pela frente de Miranda e instalou-se numa poltrona ao lado dela. Depois de olhar demoradamente para ela, estendeu a mão.

– Sou Peter, e esta é Sônia, minha mulher. O que a traz a essa conferência? É palestrante ou ouvinte?

Ela aceitou a mão que Peter lhe oferecia, tentando apertá-la com firmeza, mas também com certo cuidado, a cabeça a mil enquanto criava e descartava numerosas situações que explicariam porque ela estava naquela conferência.

– Sou Miranda. Pensei em vir porque me pareceu muito interessante. Sou apenas uma ouvinte, mas sempre fui curiosa sobre a neuroquímica cerebral.

Ela se deu conta do quanto sua desculpa parecia esfarrapada, mas ainda era melhor do que admitir que não sabia o que estava fazendo ali.

Procurou disfarçar o nervosismo com um sorriso e devolveu a pergunta:

jan ögren

– E vocês, por que estão aqui?

Peter anuiu com a cabeça, aceitando a resposta de Miranda.

– Eu fui professor de física da Universidade Beira-Mar de Seattle. Você deve conhecer aquele velho problema de “publicar ou perecer”. Ele sorriu e deu um tapinha na mão dela. – Escrevi tantos artigos que eles finalmente se deram conta de que tinham de compreender a física do cérebro, além da constituição química, se quisessem determinar as mudanças de comportamento. De modo que agora estou sendo muito procurado por todas essas empresas –. Fez um gesto amplo com o braço, indicando as pessoas que estavam no salão. – Bem, isso em relação à aposentadoria. Sônia insistiu em vir. A Companhia Farmacêutica do Futuro quer me dar um prêmio por alguma coisa.

Miranda olhou de relance para Sônia, que estava esfregando o quadril e ignorava os comentários de Peter. *Qual será o grau de importância dele? O que ele quer dizer com física e constituição química do cérebro?* Enquanto se virava, viu Peter sorrindo para ela, Miranda relaxou um pouquinho. *Talvez ele possa me ajudar a descobrir o que estou fazendo aqui.*

Puxando a lista das empresas patrocinadoras, ela fez uma pergunta ao velho:

– Entendo porque as empresas da indústria farmacêutica estão aqui, mas por que há tantas empresas do setor alimentício nessa lista?

– Ah, é aí que está o dinheiro grosso. Pense no valor de uma substância química que aumenta o apetite para uma empresa que fabrica salgadinhos. E o que dizer de uma companhia que fabrica sobremesas e pudesse produzir um aditivo que convencesse o corpo de que o açúcar não gera calorias?

Miranda engoliu seus petiscos e olhou para o prato vazio, sentindo náusea enquanto se perguntava que substâncias químicas estariam circulando no seu corpo agora.

– Mas isso não é ilegal?

Peter riu com desprezo.

20